Comunicação, Patrimônio e Identidade: a educação para a preservação como exercício de cidadania[1]

Helyna DEWES[2]
Diogo FERREIRA[3]
Universidade Federal do Pampa, Bagé, RS

Resumo

Considera-se a preservação patrimonial como um exercício de cidadania. Com isso o presente trabalho busca examinar a relação entre comunicação, patrimônio e identidade. Através do uso de uma ferramenta de educação patrimonial, o projeto de extensão Desafio do Patrimônio, o qual pretende incentivar a preservação da identidade cultural e da história da cidade de Bagé, utiliza-se de um veículo de comunicação para desenvolver sua principal atividade: um *quiz* para a comunidade que utiliza fotografias de lugares e personalidades históricas de Bagé. Desse modo, ao buscar a preservação da identidade, da história e da cultura, para poder compartilhá-las com as demais gerações, utiliza-se da mobilização da memória visual coletiva, através da mídia, para a educação para a preservação.

Palavras-chave: comunicação; patrimônio; cidadania.

1.Introdução

O espaço urbano é onde as pessoas compartilham seus cotidianos. É o ambiente coletivo onde o passado, o presente e o futuro são conjugados, seja nas histórias narradas que compõem o repertório de cada indivíduo, seja na materialidade das cidades, suas praças, ruas, casas e prédios.

No presente trabalho, busca-se examinar a relação entre comunicação, patrimônio e identidade como exercício da cidadania, através do uso de uma ferramenta de educação patrimonial, o projeto de extensão Desafio do Patrimônio, o qual pretende incentivar a preservação da identidade cultural e da história da cidade de Bagé. Localizada na Campanha gaúcha, a cidade possui 206 anos e conta com várias

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Mestre em Comunicação Midiática pelo POSCOM-UFSM, Produtora Cultural da UNIPAMPA, email: helynadewes@unipampa.edu.br.

[3] Estudante de Graduação do Curso de Letras e Línguas Adicionais da UNIPAMPA, email: diogotrincafilmes@gmail.com.

construções históricas que compõem o seu acervo arquitetônico. São prédios públicos e privados que guardam a história da cidade nas suas formas e detalhes.

O projeto aqui citado foi criado no ano de 2014 e é oriundo de uma atividade de extensão desenvolvida no âmbito da Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PROEXT) da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). A principal ação do projeto trata-se de um *quiz* semanal veiculado em um jornal local, com fotografias antigas e atuais de locais e personalidades com relevância histórica e cultural para a cidade.

À época de seu surgimento, o projeto de extensão Desafio do Patrimônio pretendia apenas sensibilizar a população de Bagé para a preservação patrimonial, tendo em vista que o contexto da cidade era de tensão entre os defensores da preservação e entre os que não acreditavam na importância de se ter construções históricas naquele espaço urbano. Interesses privados amparados pela especulação imobiliária alimentavam as motivações desse segundo grupo, os quais foram contrários ao processo de tombamento do quadrilátero central da cidade, realizado pelo Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE).

Assim, o presente artigo traz conceitos que auxiliam na compreensão da relação entre comunicação, patrimônio e identidade, uma vez que a preservação patrimonial é um exercício de cidadania, pois, indivíduos, conscientes e críticos de sua realidade, podem atuar na sua coletividade para o bem comum e para a continuidade da sua história para as próximas gerações.

2.Meios de comunicação e identidade

Os meios de comunicação são instrumentos de configuração das identidades dos sujeitos que deles fazem uso. Os programas televisuais, os filmes, as reportagens, entre outras produções, estão repletos de representações realizadas por produtores, repórteres, editores, entre outros. Através dessas representações, constrói-se o senso comum, que repete esses discursos circulantes nos meios de comunicação, mas que possuem o seu ponto de partida na sociedade. Conforme Prado (2013, p. 107),

> Os *media* não atuam somente para informar, mas para fornecer mapas cognitivos/semióticos a seus leitores, pacotes para o leitor viver no mundo globalizado, situar-se nele, agir nele segundo certas direções, visando ter sucesso e prazer.

Além da comunicação realizada pelos meios, é preciso se considerar que, primeiramente, o mundo humano é de comunicação (FREIRE, 1983). Desse modo, entre os homens, a construção do pensamento, e sua realização, se dá pela relação recíproca entre os sujeitos.

Bastante trabalhado em diversas áreas do conhecimento, o conceito de identidade, ao longo do tempo, teve o seu sentido alterado. Rajagopalan (in FERREIRA e ORRICO, 2002) comenta que, no Iluminismo, a lógica centrava-se no indivíduo e na possibilidade da auto-emancipação do sujeito pela razão, onde, dentro da epistemologia cartesiana, a identidade não gerava conflitos: era imutável. Desse modo, dentro do pensamento racionalista, a identidade dos sujeitos era estanque e acabada, e, a identidade dos objetos o cercavam, o mundo real, era algo alheio a vontade humana.

A identidade, então, é o resultado de um discurso, ou seja, "as identidades são construídas através de atos de discurso" (CHARAUDEAU, 2009, p. 2). É através do posicionamento, das falas, do texto produzido pelos sujeitos que se pode delinear sua possível identidade. Já a constituição identitária individual ou coletiva dos sujeitos é uma construção discursiva de ordem essencialmente atributiva. Na configuração da identidade, ao se considerar as semelhanças, surge a necessidade de se constituírem as dessemelhanças Portanto, para que seja possível a configuração de uma identidade, existe a necessidade de:

> (...) reconhecimento de uma *diferença*, qualquer que seja sua ordem. Só ele permite constituir como unidades discretas e significantes as grandezas consideradas e associar a elas, não menos diferencialmente, certos valores, por exemplo, de ordem existencial, tímica ou estética (LANDOWSKI, 2002. p. 2).

É, assim, ao se estipular uma distinção, que se assinala uma identidade, posicionando-a perante as outras. Identidade e diferença não são pares opostos, mas, sim, elementos dependentes, complementares, pois, como lembra Woodward (2009), são termos marcados simbólica e socialmente. A construção simbólica das identidades é resultado das relações culturais contraídas pelos sujeitos: o cotidiano, as experiências vivenciadas, o contato com outras identidades e as construções sociais são mediados pelos sistemas de significação e classificação selecionados para conferir sentido ao mundo. E é nesse contexto que surge uma outra possibilidade: a exclusão.

Ao se excluir, admite-se que a configuração de uma identidade também implica em relações de poder e, portanto, as identidades podem ser escolhidas ou impostas. As identidades impostas refletem relações assimétricas de poder e, em sua maioria, estão atreladas à garantia de acesso aos bens sociais (SILVA, 2009).

3.Patrimônio e Educação Patrimonial

Os edifícios, ruas, calçadas e praças trazem ao presente a configuração do espaço urbano do passado, através das características de construções que refletem o estilo, as técnicas e a mão de obra empregada para essas edificações. Contudo, as cidades não devem ser tomadas como bens materiais estáticos, pois, segundo Lemos (2000, p. 47),

> A cidade tem que ser encarada como um artefato, como um bem cultural qualquer de um povo. Mas um artefato que pulsa, que vive, que permanentemente se transforma, se autodevora e expande em novos tecidos recriados para atender a outras demandas sucessivas de programas de permanente renovação.

Quando se pensa na possibilidade de preservar, não se está propondo acabar com a dinâmica da cidade, de renovação e de transformação. Ao contrário, espera-se que o espaço urbano continue a se modificar, resguardando a sua história através da manutenção do seu patrimônio. Assim, a salvaguarda da cidade enquanto paisagem urbana, já que é patrimônio dotado de qualidade cultural, faz-se relevante ao resgatar as identidades e as relações sociais (ADAMS, 2002), que acabam por fortalecer os vínculos necessários para o convívio em sociedade.

A preservação do patrimônio cultural é o que permite manter, construir ou reconstruir as identidades pessoais ou coletivas, proporcionando uma sensação de segurança, vinculando indivíduos e grupos às suas tradições (COELHO, 1997). De outro modo, conforme a Constituição Federal, artigo 216 (CUNHA FILHO, 2002), patrimônio cultural são os bens materiais e imateriais, que se referem à identidade, à ação e à memória dos distintos grupos. Os elementos, então, que caracterizam um grupo, sociedade ou nação configuram-se como patrimônio cultural: criações artísticas e intelectuais, individuais e coletivas que possuem importância para todos os indivíduos que formam parte daquela cultura. Segundo Funari e Pelegrini (2009) é preciso considerar os valores de cada sociedade ao longo do tempo, pois eles determinam como

o patrimônio é considerado por cada comunidade: mantendo ou alterando os bens e obras que identificam o seu grupo.

A salvaguarda desse patrimônio histórico e cultural acaba por mobilizar a coletividade em um exercício de cidadania, pois, de acordo com Adams (2002, p. 17), "além da memória individual, inserida na dimensão pessoal, há a memória coletiva ou social, registrada nos documentos, relatos e produtos de uma sociedade". Portanto, a relevância de um estudo sobre patrimônio reside avaliação da estima das comunidades em relação ao seu acervo material e imaterial, e o quanto consideram esses bens.

A educação patrimonial, a partir dessas considerações, torna-se relevante, pois, é somente através da preservação que o patrimônio pode ser mantido, conhecido, valorizado e, assim, permanecer presente nas comunidades. Corroborando com esse pensamento, Horta; Grunberg; Monteiro (1999, p. 6), asseguram que:

> Educação Patrimonial é um instrumento de "alfabetização cultural" que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural.

É possível observar que são extremamente necessárias ações de educação patrimonial que estabeleçam um pertencimento, isto é, uma identificação e, somente assim, pode-se desenvolver a noção de preservação dos bens materiais e imateriais de cada sociedade. Desse modo, conscientizando-se a população, evita-se que ocorram demolições e depredações, atitudes tão presentes ao patrimônio das cidades. A educação patrimonial oportuniza que os indivíduos conheçam a sua cultura e a sua história, evitando, assim, que ocorra uma "deseducação coletiva" (LEMOS, 2000, p.84) ou que as iniciativas de transformação da paisagem urbana sejam motivadas por interesse puramente comerciais ou políticos.

Preservação torna-se sinônimo de conhecimento, uma vez que, independentemente das motivações que levem ao cuidado com os bens históricos e culturais, conforme Adams (2002, p. 21), "o acervo construído estabelece, ao longo do tempo, um elo e uma continuidade entre gerações", o que, consequentemente, cria e fortalece os laços coletivos que resultam na identificação e no sentimento de pertencimento com um lugar.

4. A cidade de Bagé e o projeto de extensão Desafio do Patrimônio

Bagé possui sua origem atrelada à ocupação de territórios ao sul do Brasil entre os séculos XVII e XVIII, quando, na região, foram estabelecidas estâncias por jesuítas espanhóis e imigrantes lusitanos. Em 1774, a área pertencia à Coroa Espanhola, que decide edificar o Forte de Santa Tecla, com o objetivo de barrar os avanços lusitanos. A construção do Forte de Santa Tecla forma parte da história das expansões castelhanas, a qual se caracteriza pelas guerras fronteiriças e pelas disputas bélicas que visavam o espaço geográfico do Estado do Rio Grande do Sul. É esse início de ocupação do território que originará o município de Bagé, no limiar do século XIX. Juntamente, a conquista do Forte pelas tropas portuguesas, lideradas por Rafael Pinto Bandeira no ano de 1776, promoveu a manutenção do território português em solo rio-grandense no final do século XVIII (BICA, 2013).

Segundo Eurico Jacinto Salis (1955, p. 34 - 36), seguiu-se da seguinte maneira o início do povoamento do município de Bagé:

> No ano de 1812, desenvolvia-se o novo núcleo de Bagé, nascido de um acampamento militar, [...] a população já possuía arraigados sentimentos religiosos [...]. Numa ação de profundo sentimento religioso [...] e em procissão transportam para a nova freguesia a preciosa imagem de S. Sebastião, talhada em madeira, com olhos amendoados, estilizando bela feição íncola e depositaram em um rancho, característico dos pampas sulinos, dos muitos que existiam no acampamento de Dom Diogo [...]. Construíram então, no local onde se acha a histórica matriz de S. Sebastião, a primeira capela de grande dimensão, feita em torrões de barro e coberta com capim santa-fé. [...] em 1814, a freguesia foi elevada à condição de curato, [...].

Assim, a lógica de organização do espaço urbano de Bagé seguiu a mesma forma de organização das demais cidades localizadas em região de fronteira, ao longo de todo o século XIX. Já, ao se considerar os aspectos econômicos, culturais e sociais presentes nessa movimentação de constituição dos movimentos urbanos, Ramos realiza os seguintes comentários sobre a cidade de Bagé no século XIX:

> Apesar da ocupação militar em seu nascedouro, a atividade econômica de Bagé estava concentrada na pecuária e na charqueada. O processo de urbanização era, então, ampliado na medida em que esses grandes proprietários deslocavam-se para o espaço urbano, erguendo ali suas casas, em especial na rua Sete de Setembro. Tais prédios, assobradados ou não, eram um atestado da riqueza. As famílias dos fazendeiros, entretanto, continuavam morando no interior e a casa da cidade era usada por ocasião das festas religiosas do Divino Espírito

> Santo ou de São Sebastião, padroeiro da cidade. A essa sociabilidade de caráter religioso juntava-se a desenvolvida pelos comerciantes, que, dada sua importância e poder econômico, construíram o Clube Comercial e o teatro para peças teatrais, bailes e festas sociais e em cujos espaços as elites locais costumavam se reunir (RAMOS, 2006, p. 442 - 443).

Pode-se observar que Bagé, a partir dos anos de 1811, mesmo com a relevante influência da ocupação militar que se fez presente no território, todo o desenvolvimento urbano, cultural e social que ocorreria depois, relaciona-se de maneira estreita com os elementos econômicos da pecuária e da produção de charque, e com o surgimento do comércio, correspondendo à organização característica de estruturas de economia da época, que fomentaram a expansão desses territórios ao sul do Brasil e tem, no século XIX, seu desenvolvimento diretamente atrelado às regiões de fronteira dos estados-nação que surgiam. (BICA, 2013).

O período da República Velha proporcionou à campanha gaúcha o seu apogeu econômico, possibilitado através da produção do charque que se desenvolveu em toda a região sul do Estado. Em Bagé, esse foi o período em que a cidade organizou seu espaço urbano, recebendo investimentos e melhorias nas áreas centrais e é quando são erguidos os casarões das famílias tradicionais, bem como os prédios públicos de relevância para a cidade.

Atualmente, a cidade possui aproximadamente 120 mil habitantes e a pecuária permanece como principal a atividade econômica. A paisagem urbana caracteriza-se pelos casarões, edifícios públicos, avenidas e praças construídas na época de seu auge de desenvolvimento, juntamente com suas ruas largas, seus canteiros e suas praças. Entretanto, mesmo após o tombamento publicado no dia 25 de maio de 2012 e que correspondente a alguns quarteirões que formam um quadrilátero na região central da cidade, foram colocadas abaixo várias construções de relevância histórica e cultural.

O tombamento do centro histórico, realizado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul (IPHAE), apenas evidenciava a necessidade de preservação de um conjunto arquitetônico que possui grande valor tanto para o contexto estadual como para o nacional. No entanto, essa medida causou uma série de respostas negativas da comunidade, principalmente por parte dos proprietários de imóveis situados na região. Ao realizar o processo de tombamento sem a devida sensibilização e conscientização da população, o IPHAE e a administração municipal suscitaram um clima de oposição à questão da preservação do patrimônio histórico e

cultural da cidade. Assim, ao invés de estimular a preservação por parte dos proprietários de imóveis, que deveriam ser os mais interessados, essas ações fragilizaram ainda mais a ideia de proteger e de cuidar dessas edificações.

Com o intuito de amenizar a percepção negativa sobre a preservação do patrimônio, cria-se o projeto Desafio do Patrimônio: a partir de um desafio, um *quiz*, as pessoas são estimuladas a descobrir os locais e os detalhes de arquitetura divulgados através de fotografias antigas ou atuais, e, ao final do desafio, recebem brindes doados pelo comércio local. O projeto é publicado semanalmente em um jornal local, constituído de um breve texto com a resposta de onde é o lugar ou personagem histórico retratado na foto da semana anterior, contando sua história e relevância para a cidade. Juntamente, anuncia-se o nome do vencedor e a empresa patrocinadora do brinde do Desafio anterior. Juntamente, uma nova foto é publicada com a chamada ao público para que descubram onde é aquele lugar ou quem é aquela personalidade. Publica-se também na página do Facebook do projeto, com o intuito de ampliar o público a ser atingido. A pesquisa de imagens e os textos são produzidos pela coordenação do projeto em conjunto com um bolsista e com colaboradores eventuais. A busca por conteúdos é realizada no arquivo público municipal, na biblioteca pública municipal e conta-se com colaboradores, como docentes de história e colecionadores de fotos antigas. O embasamento dos textos sobre os prédios históricos de Bagé é feito através de literatura específica e do diálogo com os moradores da cidade, que conhecem a história desses lugares.

O Desafio do Patrimônio, então, na tentativa de estabelecer um diálogo com a comunidade, caracteriza-se como uma atividade de educação patrimonial que busca sensibilizar e conscientizar para a necessidade de preservar a arquitetura, a história das personalidades e os lugares de referência para a cidade. Através da mobilização da memória visual coletiva e do apoio de um veículo de comunicação, o projeto interage com a comunidade, com o comércio local e com a universidade.

Também, o projeto está relacionado à disciplina “Fronteira e Sociedade”, do curso Licenciatura em Letras e Línguas Adicionais – Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas, do Campus Bagé. Durante o semestre, são realizadas visitas ao Museu Dom Diogo e Souza e ao Centro Histórico Vila de Santa Thereza, lugares que são exemplos da arquitetura representativa da cidade e que possuem a história e a cultura representadas através de seus acervos. Também, junto à disciplina, são realizados

seminários temáticos que abordam distintos aspectos dos lugares históricos e das personagens mais representativas de Bagé, relacionando à formação da cidade com a formação da fronteira ao sul do Brasil.

A tentativa de preservar o patrimônio, assim, parte da aproximação da temática com diferentes públicos: comunidade em geral, alunos universitários, comércio local, uma vez que, de acordo com Adams (2002, p. 18):

> O ato de proteção tem que ser, necessariamente, consequência da ampla conscientização da importância dos objetos preservados. Segundo esta contextualização, um objeto protegido pelos mecanismos legais existentes, a exemplo de uma praça, um conjunto de edificações ou um objeto artístico, só incorpora valor e, portanto, adquire sentido de ser, quando assim reconhecido pelos cidadãos. Ao mesmo tempo, o próprio ato de proteção cria as condições de sua valorização, pois os objetos assim evidenciados são gradativamente incorporados ao imaginário popular.

Ademais, como todo projeto de extensão, a relação com o ensino e com a pesquisa é contemplada de maneira muito positiva, tendo em vista a pesquisa realizada para os desafios e o aproveitamento do projeto em sala de aula.

Considerações finais

O exercício da cidadania possui como prerrogativa a necessidade de se ter sujeitos conscientes do seu papel na sociedade, que sejam críticos e que possuam o sentimento de pertencimento à sua comunidade. E é somente através do conhecimento da história da sua cidade que os sujeitos podem interferir na realidade, preservando ou alterando seus bens históricos, de acordo com as necessidades estabelecidas coletivamente.

A relevância dos meios de comunicação, nesse sentido, pode ser definida pela abrangência de seu alcance entre o público, pelo espaço que disponibilizam para uma atividade de educação patrimonial e pela veiculação de conteúdos relacionados à formação histórica e identitária dos sujeitos. Desse modo, os veículos de comunicação podem colaborar para a formação cidadã de seus leitores e espectadores, através de espaços que contenham conhecimento, que se destinam não apenas às notícias do dia.

Por fim, o projeto de extensão Desafio do Patrimônio, utilizando-se de um veículo de comunicação para a sua realização, mobiliza a memória coletiva da comunidade bageense, desafiando o público a conhecer a história, a arquitetura e a cultura da cidade. De forma lúdica, pretende-se proporcionar um espaço de educação

patrimonial, incentivando um olhar mais atento para a história dos prédios das personalidades da cidade.

REFERÊNCIAS

ADAMS, B. **Preservação urbana**: gestão e resgate de uma história. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

BICA, A. C. **A organização da educação pública municipal no governo de Carlos Cavalcanti Mangabeira (1925-1929) no município de Bagé/RS**. Tese. UNISINOS. 2013.

CHARAUDEAU, P. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In.: PIETROLUONGO, Márcia. **O trabalho da tradução.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009. Disponível em: http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html

COELHO, T. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

CUNHA FILHO, F. H. **Teoria e prática da gestão cultural**. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2002.

FERREIRA, A. F. **História Geral do Rio Grande do Sul**: 1503-1974. 4ª Ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1974.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação**? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FUNARI, P. P. A; PELEGRINI, S. C. A. **Patrimônio histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

GRUNBERG, E. **Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN, 2007. Disponível em: http://www.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=3837

HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Museu Imperial, 1999.

LANDOWSKI, E. **Presenças do outro**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LEMOS, C. A. C. **O que é Patrimônio Histórico**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

PRADO, A. **Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais**. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2013.

RAMOS, E. H. C. L.. Cidades e sociabilidades (1822 - 1889). In: **História Geral do Rio Grande do Sul** – Império l. 1 ed. Passo Fundo: Méritos Editora, 2006, v. 2.

REICHEL, H. J. Fronteiras do Espaço Platino. In: **História Geral do Rio Grande do Sul**. 1ª Ed. Passo Fundo: Méritos, 2006, v.1.

SALIS, E. J. **História de Bagé**: ama tua terra quem bem conhece. Porto Alegre: Livraria do Globo S.A., 1955.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. SILVA, T. T. (org); HALL, S.; WOODWARD, K. Petrópolis: Vozes, 2009.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. SILVA, T. T. (org); HALL, S.; WOODWARD, K. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.